

FATEP – FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE
UNAT - BRASIL – UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS
THAÍSSE CAROLINA RIBEIRO ELIAS

**O uso de Permissões da Análise Transacional na clínica
fonoaudiológica de gagueira infantil**

UBERLÂNDIA-MG

2011

THAÍSSE CAROLINA RIBEIRO ELIAS

O uso de Permissões da Análise Transacional na clínica fonoaudiológica de gagueira infantil

Artigo apresentado ao programa de Pós-graduação em Análise Transacional da UNAT – BRASIL - União Nacional dos Analistas Transacionais - em parceria com a FATEP – Faculdade de tecnologia Paulo Freire, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Análise Transacional.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Ede Lanir Ferreira Paiva

UBERLÂNDIA-MG

2011

O USO DE PERMISSÕES DA ANÁLISE TRANSACIONAL NA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA DE GAGUEIRA INFANTIL

USING PERMISSIONS FROM TRANSACTIONAL ANALYSIS IN THE SPEECH-LANGUAGE CHILDREN'S STUTTERING CLINIC

THAÍSSE CAROLINA RIBEIRO ELIAS¹
FATEP – Faculdade de Tecnologia Paulo Freire
UNAT-BRASIL – União Nacional de Analistas Transacionais.

RESUMO

A gagueira é uma alteração no ritmo da fala, com prolongamentos de sons, repetição ou cessação dos mesmos, de forma involuntária. O tratamento tem sido feito tradicionalmente com treinos conscientes de mudança para uma produção mais fluente da fala, suavização da produção da mesma, uso de relaxamentos, utilização de livros para ressignificar e também orientações claras para esclarecer e auxiliar o indivíduo com gagueira e sua família. Entretanto, buscando por uma prática que contemple também outras teorias de comunicação e visando a possibilidade de um tempo mais curto para um controle de fala, trago a teoria psicológica da Análise Transacional que tenho utilizado na clínica fonoaudiológica para expor nesse artigo. Desta forma, o objetivo é discutir, por meio do relato de minha prática na clínica associado a reflexões teóricas, a possibilidade de utilizar os princípios da Análise Transacional no tratamento fonoaudiológico de gagueira infantil. O resultado do trabalho é de significativo êxito em relação ao proposto nos tratamentos; essa melhora pode ser explicada pelos conceitos de ciclo do desenvolvimento vindos da teoria da Análise Transacional.

Palavras-chave: Gagueira Infantil, Clínica Fonoaudiológica, Análise Transacional, Ciclo do Desenvolvimento.

ABSTRACT

Stuttering is a change in the rhythm of speech, with sounds extension, repetition or interruption of them, in an unconscious way. Treatment has traditionally been done with conscious practice of shifting to a more fluent speech production or smoothing production, use of relaxation, use of books to reframe and also clearly guidance to clarify and help the individual who stutter and his family. However, searching for a practice which include other communication theories and looking at the possibility of a

¹ Thaísse Carolina Ribeiro Elias – Fonoaudióloga, Formada pela Universidade de Marília-SP. Email: thaisseelias@gmail.com

shorter time to control speech, I bring a psychological theory of Transactional Analysis that I have used in speech-language clinic to present in this article. So, the goal is discuss, through an account of my practice in clinic combined a theoretical reflections, the possibility of use the Transactional Analysis principles in the children's stuttering speech-language treatment. The work result is of significant success in relation to the treatment proposed; this improvement can be explained by the concepts of the development cycle from the Transactional Analysis theory.

Key-words: Children's Stuttering, Speech-Language Pathology Clinic, Transactional Analysis, Cycles of Pow.

Introdução

Há inúmeras definições para gagueira, cada uma abordando um ou mais de seus aspectos. Algumas relatam sobre uma possível causa da gagueira e outras descrevem sobre suas manifestações mais frequentes. Os primeiros autores que escreveram sobre gagueira eram gogos que, na busca por um controle sobre sua fala, estudavam e explicavam o que e como fazer para conseguir melhores efeitos numa produção de fala fluente. Sabemos que podemos alcançar um controle de fala nos tratamentos fonoaudiológicos de gagueira, e não sua cura, e, para esses tratamentos é possível contar com programas terapêuticos tradicionais sugeridos por autores renomados no Brasil que podem ser usados para favorecer o cliente que apresenta gagueira.

No decorrer de minha prática com a clínica fonoaudiológica de gagueira infantil, percebi que poderia utilizar contribuições de outras abordagens a fim de conseguir maior êxito nas fonoterapias e seus resultados.

Na busca por abordagens que também trabalham com comunicação e interação entre pessoas, tenho utilizado os princípios da Análise Transacional – AT – especificamente a teoria do ciclo do desenvolvimento e suas permissões em minha clínica fonoaudiológica de gagueira infantil.

Desta forma, este artigo tem como objetivo discutir a possibilidade de utilizar os princípios da Análise Transacional no tratamento fonoaudiológico de gagueira infantil. Para isso, começarei descrevendo o que é a gagueira e suas características, seguida pela apresentação de uma abordagem geral da teoria da AT, especificamente recorrendo à teoria do ciclo do desenvolvimento. A isto, seguirei descrevendo como tenho articulado os tratamentos tradicionais de gagueira a conceitos vindos da AT. Finalizarei então com um exemplo ilustrativo desta prática.

Gagueira

Para Boone e Plante (1994, p. 324) “gagueira pode ser definida como um distúrbio no ritmo da fala, em que o indivíduo sabe precisamente o que vai dizer, porém é incapaz de dizê-lo devido a um prolongamento involuntário, repetitivo ou à cessação de um som”. Ela pode ocorrer de diversas maneiras, tais como: repetições de sons e sílabas, prolongamentos de sons – antes das palavras, bloqueios antes das palavras com posições pré-articulatórias fixas – por exemplo éééé quero água, pausas extensas e intrusões nas palavras – sons ou segmentos fonológicos não pertinentes à produção de

uma determinada frase (ANDRADE, 2006; BARBOSA e CHIARI, 1998). De maneira reduzida podemos dizer que “na gagueira há uma perda do controle sobre a fala” (MEIRA, 1998, p. 54).

É possível considerar que a gagueira tem implicações de natureza interpessoal, pois, quando são necessários ajustes linguísticos, na existência de pressão do tempo, pela antecipação, ou pelo incremento dos truques para evitá-la, a presença do outro (interlocutor) pode provocar mudanças no falante mesmo que momentâneas, e consequentemente em sua fala, promovendo-a ou intensificando-a. A partir desta observação, é de suma importância considerar a dimensão das relações interpessoais no tratamento fonoaudiológico (MORAES e NEMR, 2007). É interessante ressaltar ainda que todo gago tem momentos de fluência em sua fala e todo não-gago tem momentos de gagueira (MEIRA, 1998 e FRASER, 2009).

É importante observar a gagueira e seu conjunto – pausas durante a produção verbal, tensões na face, região cervical e no corpo como um todo, e intrusões na fala – para cada pessoa em particular, pois a sua manifestação varia de indivíduo para indivíduo. Em virtude das pessoas terem uma grande variedade de traços de personalidade, o mesmo ocorre com os gagos, razão pela qual suas reações são em geral diferentes (FRASER, 2009).

Especificamente para a infância, existem dois tipos de gagueira: a gagueira do desenvolvimento e a disfluência.

Segundo Andrade (2006, p. 6):

“A gagueira do desenvolvimento tem início na infância (em geral, entre 18 meses e 7 anos, podendo ocorrer até os 12 anos), durante a fase de aquisição e desenvolvimento da linguagem. O que diferencia a gagueira do desenvolvimento e a disfluência dentro da abordagem neurolinguística e motora da gagueira é que a ruptura da fala, sem recuperação espontânea e imediata, é a gagueira. As rupturas da fala com recuperação espontânea do fluxo são as disfluências”.

A criança pré-escolar com gagueira pode apresentar tensões faciais e/ou corporais. Movimentos corporais associados – estalo de dedos, batidas de mão nas pernas, piscar de olhos, batidas de pés no chão, entre outros – chamados também de comportamentos acessórios, podem surgir e se intensificar com a evolução da gagueira. Na disfluência, não há evidência de tensões faciais e/ou corporais, como também não há comportamentos acessórios (MERÇON e NEMR, 2007).

A fala é uma tarefa motora e nela inclui traços genéticos e influência de alguns genes. É iniciada pelo sistema nervoso central, conduzida pelo sistema nervoso periférico e como resultado existe a movimentação – coordenada, controlada e sinérgica – de alguns músculos em certas partes do corpo. Para uma produção inteligível é necessária integridade do sistema linguístico que responde pela produção apropriada das palavras, frases e discurso em si, envolvendo rapidez e suavidade (ANDRADE, 2006). Ainda para esta autora,

“é importante destacar que é necessária a diferenciação do que é próprio da criança, daquilo que constitui o núcleo essencial e verdadeiro do fato patológico. Portanto, é preciso cuidado para distinguir os sintomas que são próprios da gagueira e a acompanham necessariamente, daqueles que dependem da criança com a gagueira (pré-disposições pessoais, características de personalidade, idade, estilo de vida)” (p. 6).

Tendo relatado a respeito de gagueira podemos passar agora para a apresentação da teoria da Análise Transacional.

Análise Transacional (AT) e Ciclo do Desenvolvimento

“A Análise Transacional é uma teoria da psicologia individual e social criada por Eric Berne, e também uma filosofia de vida, uma tomada de posição quanto ao ser humano, e um conjunto de técnicas de mudança positiva de comportamento. Ela se chama assim por estudar e analisar as trocas de estímulos e respostas, ou transações, entre indivíduos” (KERTÉSZ, 1985, p. 13).

A Análise Transacional é uma proposta para entender o comportamento das pessoas, suas diferenças e complexidade. Ao olhar a personalidade humana como um sistema aberto e mutável constituído por três subsistemas denominados de Estados de Ego, é possível ampliar o poder de observação e interação com o ser humano nas suas variáveis (KRAUSZ, 1999).

BERNE (1988, p.25) afirma que “o interesse básico da Análise Transacional é o estudo dos Estados de Ego, que são sistemas coerentes de pensamentos e sentimentos manifestados por padrões de comportamento correspondentes”. Neste sentido, vale ressaltar que o conceito de Estados de Ego é a base da Análise Transacional, e por assim ser, abrange toda a variedade de formas de raciocínio, ação e sensação dos seres humanos (KRAUSZ, 1999).

Um Estado de Ego pode ser descrito em relação aos fenômenos sistêmicos de sentimentos relacionados a uma determinada questão, de modo operacional como um agrupamento de modelos de comportamento coerentes, e de forma pragmática como um sistema de sentimentos que originam um conjunto de referências de atitudes afins (BERNE, 1961).

No escopo teórico da AT, existem diversas teorias que trabalham com a noção de desenvolvimento humano como acontecendo em ciclo. Dentre elas, trabalho especificamente com as contribuições de Levin-Landheer (1984), autor que propõe que o crescimento humano é um ciclo de desenvolvimento composto de estágios que começam na infância e se repetem ao longo da vida. Cada estágio do nosso ciclo de vida é uma plataforma sobre a qual durante um dia, um ano ou pela vida toda, representamos o teatro principal da vida. Cada um é uma cena de ação durante a qual respondemos a certas necessidades específicas, usando métodos e técnicas que podem ou não ser satisfatórias. Neste teatro são vivenciados conflitos, resolução de questões e esperançosamente, são desenvolvidos os recursos internos, que levam as pessoas ao próximo estágio com sucesso.

Crescer através de cada estágio na infância ou no período adulto é uma oportunidade. As pessoas podem usar esse tempo para desenvolver uma parte do seu poder ou habilidade como seres humanos.

São sete os estágios e os poderes que as pessoas podem desenvolver: estágio um – O poder de ser (0-6 meses), estágio dois – O poder de fazer (6-18 meses), estágio três – O poder de pensar (18 meses-3 anos), estágio quatro – O poder de identidade (3-6 anos), estágio cinco – O poder de ser habilidoso (6-12 anos), estágio seis – O poder de regeneração (13-18 anos) e estágio sete – O poder de reciclagem (a partir de 19 anos).

Durante a infância, as pessoas se familiarizam ao conjunto desses seis estágios pela primeira vez. Através das experiências, descobrem o que cada fase da vida reserva. Tomam decisões, com o objetivo de aumentar a satisfação de suas necessidades e reduzir o desconforto, e isso faz parte do plano de vida de cada um. Desenvolvem o Estado de Ego que corresponde a cada estágio, criando um aspecto de seu caráter que se torna uma parte de sua personalidade.

O estágio um – o poder de ser – corresponde às necessidades orais, de ser cuidado, alimentado e tocado. Essas questões não desaparecem no desenvolvimento da vida, mas voltam periodicamente no decorrer dela. Nesse estágio, as pessoas apresentam dificuldade em ordenar os pensamentos, carecem de uma habilidade para se concentrar e simplesmente existem. Durante esse tempo, podem querer comer frequentemente e dormir por períodos mais longos de tempo. Procuram reconhecimento por aquilo que são, mais do que pelo que fazem. Querem ser tocadas e nutridas, ter sua existência reconhecida. São indícios comuns dessa fase ouvir – acabaram emocionalmente minhas energias – minha boca está sensível – temos suficiente – comida, dinheiro, amor ou sexo – para suprir e sustentar a nossa existência? O estágio um é significativo para as pessoas durante os primeiros seis meses de vida; quando se sentem cansadas, machucadas, vulneráveis, doentes ou sob estresse; durante períodos de mudanças

rápidas ou crescimento; quando sofrem uma perda pessoal; quando tomam conta de uma criança ou quando mulheres estão grávidas; no começo de um processo, um novo emprego, relacionamento. É importante uma dieta nutritiva de carícias nesse período, incluindo contato físico quente. Além disso, cada fase pode vir acompanhada de uma maneira positiva de uma série de mensagens chamadas de permissões, e que tratam de afirmativas verbais que favorecem o desenvolvimento, crescimento e a autonomia das pessoas. No caso do estágio um, as permissões podem caminhar no sentido de nutrir, tal como: “que bom que você está aqui”; “é bom você existir”; “você é muito importante para nós”.

O estágio dois – o poder de fazer – é uma fase de intensa curiosidade, na qual há desejo de levantar e andar, mover, cheirar, experimentar, tocar, ver e explorar. As pessoas buscam por uma variedade de estimulações, precisam desenvolver a consciência sensorial fazendo, mais do que pensando acerca disto. Querem dar vazão às suas necessidades sem nenhum freio, e também encontrar uma nova maneira de pisar, colocar seus pés no chão de diferentes modos. São indícios comuns dessa fase – agora estou tendo pouca atenção para as coisas – podemos vivenciar conflitos sobre se devemos ter objetivos direcionados ou não ter objetivos. O estágio dois é significativo para as pessoas entre seis e dezoito meses de idade; depois de ser nutrido por um tempo; em qualquer novo ambiente físico; como parte de um processo criativo; para aprender uma nova habilidade sensorial como música ou uma língua; como um prelúdio para o estabelecimento de um novo nível de independência; quando tomam conta de uma criança que engatinha. É importante uma dieta nutritiva de carícias, incluindo o fornecimento contínuo de afeição física, especialmente com as pessoas com quem tem laços emocionais – esposa, pais, terapeuta. As permissões, nesse caso, devem ser mensagens que digam “é Ok ser curioso e ter iniciativa”; “você pode errar e acertar”; “você pode ser curioso e intuitivo”; “é Ok explorar e vivenciar novas coisas e ter cuidado”.

No estágio três – o poder de pensar – as pessoas querem dar espaço para si mesmas, independente dos outros, querem ser diferentes, únicas, necessitam criar uma posição separada e podem se tornar rebeldes. As frases favoritas são “não” e “não vou”. Testam a realidade e se contrapõe em relação aos outros, enquanto desenvolvem cada novo nível de pensamento, se preocupam em descobrir e estabelecer o quanto são importantes, querem descobrir os limites dentro deles mesmos e nas situações, podendo expressar grande negatividade e ambivalência. Estão preocupadas sobre quanto controle têm sobre si ou sobre uma situação ou relacionamento, podem convidar outros a pensar por elas, porém se sentem furiosos quando o fazem porque aprenderam novos níveis de habilidade conceitual e desenvolvem novas áreas de pensamento. São indícios comuns dessa fase temas relacionados com separação, responsabilidade e pensar, especialmente no sentido da resistência, contrariedade, esquecimento, qualificação ou desqualificação, teimosia, procrastinação e ganâncias. O estágio três é significativo para as pessoas de um ano e meio a três anos de idade; quando quebram uma relação de dependência com marido, esposa, protetor ou amigo; quando aprendem novas informações; quando desenvolvem uma posição pessoal nova, um ponto de vista pessoal novo ou se expõe; quando mudam aquilo que previamente concordavam; quando parentalizam uma

criança que engatinha. É importante ouvir permissões que afirmem “estou contente que você está crescendo”; “você pode pensar por você mesmo”; “você pode deixar as pessoas saberem quando estiver zangado”.

No estágio quatro – o poder de identidade – as pessoas querem descobrir de uma nova forma quem são e o que significa serem do sexo que são. Vivenciam relacionamentos sociais e se tornam preocupadas com o poder. Precisam separar fantasia da realidade. Testam as consequências dos próprios comportamentos e exercem o poder para descobrir o que acontece. Nessa fase, se tornam fascinadas de novo com a sua habilidade em afetar outras pessoas, podendo provocar discórdias. Querem encontrar novo significado em ser homem ou mulher. São indícios comuns que ao desenvolver uma nova identidade traz à superfície questões relacionadas ao poder e ao gênero, potência e impotência, fantasia e realidade, criar e destruir, ser saudável ou louco, ser homem ou mulher. O estágio quatro é significativo para as pessoas entre três e seis anos de idade; depois de renegociarem um contrato social; quando executam um novo papel; quando procuram um novo relacionamento com família, emprego, trabalho ou cultura; quando cuidam de crianças pré-escolares. É importante ouvir permissões que digam “você pode ser poderoso e ainda assim ter necessidades”; “é legal você descobrir quem você é”; “é Ok encontrar e descobrir as consequências dos seus próprios comportamentos”.

O estágio cinco – o poder de ser habilidoso – envolve as habilidades e padrões pertinentes a cada pessoa, periodicamente os indivíduos precisam desenvolver novas ferramentas, aprender novas habilidades e decidir sobre valores que são consistentes com seus objetivos. Para isso, discutem com a moral e métodos dos outros seriamente, com o desejo de fazer coisas a sua própria maneira sem seguir os outros. Precisam vivenciar diferentes formas de fazer coisas, e também cometer erros. Assim, descobrem o que funciona. Seja para formar novas estruturas Parentais ou atualizar as velhas, as pessoas discordam ativamente dos métodos de outras pessoas, podendo considerar as maneiras dos outros como não Ok por uma parte temporária do processo, se tornam desajeitados e cometem erros, à medida que vivenciam e descobrem o que e como funciona. Procuram contato com pessoas fora do seu círculo familiar e de amigos, para descobrir como os outros fazem as coisas. São indícios comuns dessa fase que ao aprender novas habilidades traz à tona questões acerca de como fazer coisas e quais valores são Ok; e também a estruturação do tempo, o contato com grupos de iguais e com os pares são questões de grande importância. O estágio cinco é significativo para as pessoas entre seis e doze anos; depois de atualizarem sua identidade; quando aprendem novas habilidades; quando mudam culturas; quando parentalizam uma criança entre seis e doze anos de idade. Algumas permissões importantes desse estágio são “é Ok para você fazer as coisas do seu próprio jeito”; “você pode pensar antes de fazer do seu jeito”; “você pode confiar nos seus sentimentos para guiar-se”.

No estágio seis – o poder de regeneração – há a integração dos Estados de Ego. As pessoas passam para as fases adultas, quando estão preocupadas com o sexo e com as pessoas como seres sexuados. Podem experimentar mudanças turbulentas no corpo, especialmente nos níveis de energia. Querem experimentar novas maneiras de serem sexuais. Desenvolvem uma filosofia pessoal e encontram um novo lugar no mundo dos

crescidos. Como pessoas crescidas, retornando ao sexto estágio, podem encontrar um novo lugar para curtir como um café ou um bar, podendo se sentir bem ingênuos e virgens de novo, apesar de já terem sido sexualmente ativos por anos. Podem relatar a necessidade de parar de ter sexo, como uma parte de um processo de reorganização porque querem atuar com novas pessoas ou novas situações. São indícios comuns dessa fase: um acesso de acne; sonhos adolescentes; uma preocupação com sexo; sentimentos sexuais e ser uma pessoa sexual e segura. A necessidade de cuidados parentais é abandonada e um novo nível de maturidade é atingido. O estágio seis é significativo para as pessoas entre treze a dezoito anos; depois de desenvolver nova moral ou habilidade; que se prepara para deixar um relacionamento, um emprego, casa ou uma localidade; quando da finalização de qualquer processo; quando são pais de adolescentes. Algumas permissões importantes dessa fase são “é *Ok* ser responsável pelas suas próprias necessidades, sentimentos e comportamentos”; “você pode ser uma pessoa sexual e ainda ter necessidades”; “é *Ok* você ser do jeito que é”; “meu amor segue com você”; “você é bem vindo sempre que quiser voltar para casa”.

Tendo estabelecido esta base, as pessoas entram no 7º estágio, ou estágio adulto, por volta dos dezenove anos, e continuam a reciclar pelos primeiros seis estágios, executando as mesmas tarefas do desenvolvimento como aquelas da infância, mas agora em níveis mais sofisticados. Durante esta fase adulta, reforçam ainda mais cada característica pessoal, e assim continuam atuando na sua história de vida. Dessa forma, no período adulto, tendem a repetir os padrões de crescimento estabelecidos durante a infância, repetindo os estágios do desenvolvimento normal e o plano de vida.

Seja para primeiro formar a personalidade na infância ou enriquecer no período adulto o que já foi formado, os indivíduos precisam de certas trocas fundamentais em relacionamentos com os outros para a segurança, confiança e estimulação necessárias para executar as tarefas que estão próximas. Essas transações-chave são específicas de cada estágio, e proporcionam os nutrientes essenciais para o crescimento sadio, da mesma maneira que os aminoácidos fornecem os nutrientes essenciais para o crescimento das células do corpo.

Tendo passado pela teoria do ciclo do desenvolvimento e permissões seguimos falando sobre a clínica fonoaudiológica.

Clínica Fonoaudiológica de Gagueira e o Uso de Permissões: o relato da minha experiência

Ao receber um cliente com gagueira, realizo anamnese e avaliação, a partir da qual são conhecidas a história de vida do cliente, o tempo de instalação da gagueira, como o cliente, família e demais pessoas se colocam frente à gagueira do cliente.

Procuro também, entender como o cliente se sente, quais as suas crenças a respeito, se existe preconceito ou fantasias, bem como das pessoas que convivem com ele. Isso me dá um parâmetro de como ele se coloca no mundo e no seu mundo, como as pessoas o vêem, pois as consequências podem ser predominância de algum sentimento negativo, gozações, que podem frequentemente acentuar o problema.

Avalio também, o grau de gagueira e a existência de movimentos acessórios e ou intrusões nas palavras. Após uma avaliação cuidadosa da patologia, procuro conhecer

junto ao cliente e à família qual a sua disponibilidade e comprometimento para seguir as orientações fonoaudiológicas que serão recomendadas e, se necessário, iniciar a fonoterapia.

Assim como Cortez (2007, p. 9) acredito que todo cliente têm potência e capacidade para realizar o que for necessário, que todos são *Ok*, tem autonomia, espontaneidade, “são valiosos, importantes por si, e devem ser considerados integral e totalmente, sem exceção”.

Além do tratamento fonoaudiológico tradicional, quando identifico o estágio ou fase do ciclo do desenvolvimento que a criança se encontra, tenho também passado para as mães a orientação de permissões que, ditas verbalmente, contribuem para o desenvolvimento saudável das pessoas. Existem os indícios comuns do que acontece em cada fase e as transações-chave que são importantes serem ditas para a criança, que permitem que ela exista, tenha suas próprias sensações, pensamentos, sentimentos, seja si próprio, enquanto indivíduo, com sexo e idade apropriada e potencial para crescimento e desenvolvimento, esteja emocionalmente próximo dos outros, perceba sua própria Posição Existencial e também a mude quando achar necessário, seja bem sucedido, encontre significado na vida e se comunique no seu tempo, baseada na compreensão de que a criança está passando por uma fase de desenvolvimento e que essas permissões podem contribuir no processo. Explico que isso deve ser feito no momento em que a criança estiver em sono profundo e também quando estiver brincando.

Quando a criança apresenta disfluência, sem tensões faciais e movimentos acessórios, são passadas orientações como sugeridas por Andrade (2006), Oliveira; Yasunaga; Sebastião; e Nascimento (2010) e também são passadas frases afirmativas com Permissões que têm relação com o Ciclo do Desenvolvimento do cliente, após um Contrato Verbal estabelecido com os pais ou responsáveis, onde são escritas permissões de identidade, permissões de comunicação, e outras, isso de acordo com a idade da criança e das necessidades percebidas na avaliação.

Dada minha experiência na clínica, percebo que utilizar as permissões por 21 dias consecutivos favorece a aproximação ao resultado esperado. Este tempo, em consonância com o que tenho recorrentemente escutado por parte de diversos profissionais tanto da Psicologia quanto de colegas que trabalham com Programação Neurolinguística, tem parecido, ao mesmo tempo, necessário e suficiente para as crianças introjetarem as permissões. Na minha prática clínica, tenho observado que a Disfluência diminui e muitas vezes desaparece após três semanas da repetição das frases, e a criança apresenta uma tranquilidade maior para ser ela mesma e para se comunicar em seu tempo.

Exemplos de algumas frases que representam permissões: “Você é ‘Maria’ e pode ser você mesma”, “você existe e pode viver”, “você pode falar com clareza e ser entendida”, “você pode falar no seu tempo”, “você pode sentir e mostrar afeto”, “é bom se defender”, “você pode chorar”, “você é calma e tranquila”, “é bom pensar com clareza e agir corretamente”, “é bom falar no seu tempo”, “você pode falar no seu tempo”, “você tem seu próprio valor”, “você pode crescer e se desenvolver bem”, “é bom experimentar o novo e ter cuidado”, “você pode dar e receber carinho”, “é bom

pensar com clareza e ser equilibrada, “você pode fazer o que gosta”, “você pode pensar com clareza e ser equilibrada”, “você pode confiar em si mesma”, “você é importante e tem muito valor”, “é bom ser ordenada”, “é bom se cuidar”, “você é um sucesso”, “você é amada”, “você é importante por ser uma menina”, “você pode falar no seu tempo e ser entendida”, “você pode falar sempre que quiser”.

Fraser (2009, p. 3) refere algo semelhante às permissões sugerindo às pessoas com gagueira “você pode aprender a se comunicar com facilidade, ao invés de com esforço”.

É importante que os pais leiam e repitam as frases por 21 dias consecutivos para as crianças, e quando os clientes já conseguem ler, eles mesmos podem fazê-lo, olhando no espelho. É de extrema e fundamental importância se comunicar com a criança de uma forma suave, “num clima de confiança, harmonia e cooperação que se estabelece nos relacionamentos interpessoais” (Chung, 2002, p. 164), falando na mesma frequência e intensidade da mesma, dentro do possível, igualando ao máximo postura, respiração e gestos. Ao *igualarmos* a nossa fala à da criança, essa passa a ter maior segurança para se comunicar.

Após essas três semanas, realizo uma nova avaliação, e em grande parte dos casos a disfluência diminui consideravelmente e também chega a desaparecer.

Nas crianças em que existe predisposição à Gagueira do Desenvolvimento, com movimentos acessórios, tensões faciais e corporais, também são passadas orientações, frases afirmativas com Permissões, há um Contrato Verbal com os pais ou responsáveis e também com a criança, e a mesma é colocada em Fonoterapia, onde são utilizados métodos sugeridos por Andrade (2006), Meira (1998), Oliveira e Friedman (2006), Chung (2002) e Bandler e Grinder (1986), e os resultados também têm se mostrado satisfatórios. A criança passa a se comunicar com maior segurança e tranquilidade.

Utilizo também técnicas de ancoragem vindas da programação neurolinguística que tem contribuído no processo de fonoterapia. Entende-se por âncora, “o processo de associação de uma reação interna com algum estímulo externo – similar ao condicionamento clássico – no qual as reações são rápidas e subliminares”. (Chung, 2002, p. 337)

Para ilustrar esse tipo de intervenção, cito a seguir o exemplo de um menino de dois anos e nove meses que chegou em minha clínica, por se tratar de um caso com resultados positivos significativos. O garoto começou a apresentar disfluência após um episódio em que deixou o leite da mamadeira cair no chão e o tio paterno escorregou nesse leite, caindo e fraturando a mão. Disseram para criança que a culpa era dela e o mesmo ficou com esse sentimento. A disfluência estava presente sem movimentos acessórios e tensões faciais. Foram passadas orientações e frases com permissões. Sua fala ficou mais fluente após três semanas. Após três meses, entretanto, a criança acompanhou o episódio do avô paterno sair de ambulância de casa, pois havia apresentado um AVC. Na ocasião, todos os adultos presentes ficaram muito assustados, com medo do avô falecer, o que fez com que a criança também se assustasse. Após o segundo episódio, a disfluência retornou, e dessa vez com movimentos acessórios e tensões faciais, sugerindo-se predisposição à gagueira do desenvolvimento. No momento da reavaliação, utilizei uma técnica de âncora com a criança, na qual ela

recordou do sentimento de susto em relação ao caso do avô, e após esse momento, recordou de um dia em que estava feliz e segura, o dia do seu aniversário de dois anos. Ela vivenciou mentalmente o episódio do susto em relação ao avô, com o sentimento de felicidade e segurança do aniversário. Foram passadas novamente orientações, mais uma vez a repetição das permissões, e após dois dias, os movimentos acessórios e tensões faciais desapareceram. Esse menino foi colocado em terapia fonoaudiológica e após quatro semanas a disfluência ficou mais leve, sem movimentos acessórios, e continuou se tornando mais e mais leve. Houve momentos em que a disfluência apareceu, porém a fala ficou bem mais fluente. Após reavaliações posteriores, seis meses, um ano, dezoito meses, percebi fala fluente.

Considerações Finais

Baseado em minha prática clínica, percebo que conhecer a estrutura da personalidade humana, compreender os comportamentos humanos, o funcionamento dos Estados de Ego e o ciclo do desenvolvimento do ser humano amplia a possibilidade de sucesso nas fonoterapias de gagueira infantil.

Ao utilizar as permissões com os clientes que apresentam tanto disfluência quanto gagueira do desenvolvimento, tenho obtido êxito de maneira significativa. Como já descrito, acredito que essa melhora possa ser explicada pelos conceitos de ciclo do desenvolvimento vindos da teoria da Análise Transacional. As frases afirmativas ficam introjetadas na mente da criança e as mesmas passam a ter consciência de que podem ser elas mesmas e podem falar no tempo delas.

Entretanto, é importante ressaltar que esse tipo de intervenção tem ocorrido em minha clínica fonoaudiológica particular, em minha busca por técnicas que possam se complementar para um tratamento mais eficaz. Seria interessante, em uma próxima fase, a elaboração de um estudo mais sistematizado com um grupo maior de pessoas para verificar se existe mesmo essa evolução em uma grande quantidade de pessoas. Além disso, a possibilidade de utilização e testagem de outros conceitos vindos da Análise Transacional poderia ser considerada, como fonte de constante ampliação e melhora da prática profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C. R. F. **Gagueira infantil: risco, diagnóstico e programas terapêuticos**. Barueri, SP: Pró-Fono, 2006.
- BANDLER, R.; GRINDER, J. **Resignificando: Programação Neurolinguística e a Transformação do Significado**. São Paulo, SP: Summus Editorial; 1986.
- BARBOSA, L. M. G; CHIARI, B. M. **Gagueira: etiologia, prevenção e tratamento**. Carapicuíba, SP: Pró-Fono; 1998.
- BERNE, E. **Análise Transacional em Psicoterapia**. São Paulo, SP: Summus Editorial; 1961.
- BOONE, D. R.; PLANTE, E. **Comunicação humana e seus distúrbios**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- CHUNG, T. **Qualidade Começa em Mim: Manual Neurolinguístico de Liderança e Comunicação**. Osasco, SP: Novo Século Editora; 2002.
- CORTEZ, V. N. M. Posição Existencial e Oqueidade. In: **Revista Brasileira de Análise Transacional**. São Paulo, SP, 2007. p. 9-16.
- FRASER, M. **Autoterapia para a Gagueira**. Tradução e Adaptação Associação Brasileira de Gagueira. Barueri, SP: Manole; 2009.
- KERTÉSZ, R. Definição e Características da Análise Transacional. In: **Análise Transacional ao Vivo**. São Paulo, SP: Summus Editorial; 1985.
- KRAUSZ, R. R. O ser humano, esse desconhecido. In: **Trabalhabilidade**. São Paulo, SP: Nobel; 1999.
- LEVIN-LANDHEER, P. O Ciclo do Desenvolvimento. In: **Prêmios Eric Berne 1971-1997**. PortoAlegre, RS: UNAT-BRASIL; 2005. p. 181-200.
- MEIRA, I. Gagueira. In: **Fundamentos em Fonoaudiologia: Linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1998.
- MERÇON, S. M. A; NEMR, K. Gagueira e disfluência comum na infância: análise das manifestações clínicas nos seus aspectos qualitativos e quantitativos. São Paulo, SP: **Revista CEFAC** v. 9, n. 2; abr./jun. 2007.
- MORAES, C. M. C; NEMR, K. A gagueira sob diferentes olhares: análise comparativa das abordagens de quatro autoras. São Paulo, SP: **Revista CEFAC** v. 9, n. 3; jul./set. 2007.
- OLIVEIRA, C. M. C.; YASUNAGA, C. N.; SEBASTIÃO, L. T.; NASCIMENTO, E. M. Orientação familiar e seus efeitos na gagueira infantil. São Paulo, SP: **Revista Brasileira de Fonoaudiologia**; 2010, v. 15, n. 1.

OLIVEIRA, P. S.; FRIEDMAN, S. A Clínica da Gagueira e o Livro Infantil: Considerações a partir de um caso. **Distúrbios da Comunicação**. São Paulo, SP, v. 18 n. 2, agosto, 2006. p. 223-233.

ALTO LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE TRANSCRIÇÃO